

TÃO
CERTO
QUANTO O
AMANHECER

A MARCA DO LEÃO ✦ LIVRO 3

FRANCINE
RIVERS

Tradução

Sandra Martha Dolinsky

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2021



VERUS
EDITORA

PRÓLOGO

ANO 79 D.C.

O guarda do calabouço abriu o ferrolho.

O som das sandálias tachonadas dos romanos fez Atretes se lembrar de Cápua. Enquanto seguia o guarda, o cheiro de pedra fria e medo humano fez o suor brotar em sua pele. Alguém gritou por trás de uma porta trancada. Outros gemiam em desespero. Continuaram andando, até que Atretes ouviu algo proveniente da extremidade daquele local úmido; um som tão doce que o atraiu. Em algum lugar da escuridão, uma mulher cantava.

O guarda diminuiu o passo, inclinando levemente a cabeça.

— Já ouviu uma voz assim na vida?

O canto parou, e ele passou a caminhar depressa.

— É uma pena que ela vá morrer com o restante deles amanhã — disse, parando diante de uma porta pesada e abrindo o ferrolho.

Respirando pela boca, o germano ficou no limiar, olhando para cada rosto. Uma única tocha cintilava no suporte da parede lateral, de modo que os prisioneiros que estavam no fundo ficavam encobertos pelas sombras. A maioria eram mulheres e crianças. Havia menos de meia dúzia de homens velhos e barbados. Atretes não se surpreendeu; os mais jovens teriam sido salvos para as lutas.

Alguém disse seu nome. Ele viu uma mulher magra vestindo farrapos se levantar da massa de presos imundos.

Hadassah.

— É essa? — perguntou o guarda.

— Sim.

— A cantora. Você aí! Saia!

Atretes a observou enquanto ela atravessava a cela. As pessoas estendiam as mãos para tocá-la. Alguns pegaram sua mão, e ela sorria e sussurrava uma palavra de encorajamento antes de passar. Quando chegou à porta, fitou Atretes com olhos luminosos.

— O que está fazendo aqui, Atretes?

Como não queria dizer nada na frente do guarda romano, ele a pegou pelo braço e a levou para o corredor. O guarda fechou a porta e passou a tranca. Abriu outra porta no corredor e acendeu a tocha.

Atretes ouviu o som das sandálias na pedra e apertou os punhos. Havia prometido a si mesmo nunca mais entrar em um lugar como aquele, e ali estava, por escolha própria.

— Você deve odiar este lugar — Hadassah disse suavemente. — O que o trouxe aqui?

— Eu tive um sonho. Não sei o que significa.

Ela sentiu o desespero dele e rezou para que Deus desse a ela as respostas de que necessitava.

— Sente-se aqui e me conte — pediu ela, fraca em razão do confinamento e dos dias sem comida. — Talvez eu não saiba as respostas, mas Deus sabe.

— Sonho que estou passando por um lugar muito escuro, tanto que posso sentir sua pressão contra meu corpo. Tudo que posso ver são minhas mãos. Eu caminho por um longo tempo sem sentir nada, parece uma eternidade, e então vejo um escultor. E diante dele sua obra, uma estátua minha, como aquelas que são vendidas nas lojas ao redor da arena, só que essa é tão real que parece respirar. O homem pega um martelo, e eu sei o que ele vai fazer. Grito para que não o faça, mas ele atinge a imagem uma vez e a quebra em um milhão de pedaços. — Trêmulo, Atretes se levantou. — Eu sinto dor, como nunca senti antes. Não consigo me mexer. Ao redor, vejo a floresta de minha pátria e começo a afundar no pântano. Todos estão parados em volta de mim: meu pai, minha mãe, minha esposa, amigos há muito mortos. Eu grito, mas eles ficam só me olhando enquanto sou sugado. O pântano se fecha sobre mim como a escuridão. E então aparece um homem e me estende as mãos. Suas palmas estão sangrando.

Hadassah viu Atretes se recostar, cansado, no muro de pedra, do outro lado da cela.

— Você pega as mãos dele? — ela perguntou.

— Não sei — disse ele com tristeza. — Não consigo lembrar.

— Aí você acorda?

Ele respirou lentamente, lutando para manter a voz firme.

— Não. Ainda não. — Fechou os olhos e engoliu em seco. — Ouço um bebê chorando. Ele está deitado, nu, nas rochas, perto do mar. Vejo uma onda vindo do mar e sei que vai levá-lo. Tento alcançar o bebê, mas a onda passa por cima dele. Então eu acordo.

Hadassah fechou os olhos. Atretes inclinou a cabeça para trás.

— Diga, o que isso tudo significa?

Ela orou para que o Senhor lhe desse sabedoria para responder. Ficou ali sentada por um longo tempo, com a cabeça baixa. Até que levantou a cabeça de novo e disse:

— Eu não sou vidente. Somente Deus pode interpretar os sonhos. Mas sei que algumas coisas são verdadeiras, Atretes.

— Que coisas?

— O homem que está estendendo as mãos para você é Jesus. Eu lhe contei como ele morreu, pregado na cruz, e como ressuscitou. Ele está lhe estendendo as mãos. Pegue-as. Sua salvação está nele. — Hesitou. — E o bebê...

— Eu sei sobre o bebê. — O rosto de Atretes se iluminou de emoção mal disfarçada. — É meu filho. Eu pensei no que você me disse aquela noite, quando foi às colinas. Mandei avisar que queria a criança quando nascesse.

Ao ver o olhar assustado de Hadassah, Atretes se levantou abruptamente e começou a andar, inquieto.

— No início, falei isso para machucar Júlia, para tirar o filho dela. Mas depois eu o queria de verdade. Resolvi ficar com a criança e voltar para a Alemanha. Esperei, e então veio a notícia. O bebê nasceu morto. — Atretes deu um riso trêmulo, cheio de amargura. — Mas ela mentiu. A criança não nasceu morta. Ela mandou deixá-la nas rochas para morrer. — Sua voz se afogou em lágrimas, e ele passou os dedos nos cabelos. — Eu disse que, se Júlia o colocasse aos meus pés, eu lhe daria as costas. E foi exatamente isso que ela fez, não foi? Ela o deixou nas rochas e foi embora. Eu estava com ódio dela. Com ódio de mim. Você disse: “Que Deus tenha piedade de você. Que Deus tenha piedade”.

Hadassah se levantou e foi até ele.

— Seu filho está vivo.

Ele enrijeceu e a fitou. Ela pousou a mão no braço de Atretes.

— Eu não sabia que você mandara uma mensagem dizendo que o queria, Atretes. Se soubesse, eu o teria levado diretamente a você. Por favor, perdoe-me pela dor que lhe causei.

Ela deixou cair a mão, e ele a pegou pelo braço.

— Você disse que ele está vivo? Onde ele está?

Ela rezou para que Deus consertasse o que ela havia feito.

— Eu levei seu filho ao apóstolo João, e ele o pôs nos braços de Rispa, uma jovem viúva que havia perdido o filho. Ela o amou assim que o viu.

Ele afrouxou a mão e se afastou de Hadassah.

— Meu filho está vivo — disse, maravilhado, e o peso da dor e da culpa desapareceu. Atretes fechou os olhos, aliviado. — Meu filho está vivo. — Recosta-

do na parede de pedra, deslizou até o chão. Os joelhos fraquejaram. — Meu filho está *vivo* — repetiu com voz sufocada.

— Deus é misericordioso — disse ela suavemente, tocando-lhe os cabelos.

A leve carícia fez Atretes recordar sua mãe. Ele pegou a mão de Hadassah e a segurou contra sua face. Olhou para ela e viu os hematomas que marcavam seu rosto amável, a magreza de seu corpo sob a túnica suja e esfarrapada. Ela salvara seu filho. Como poderia ir embora e deixá-la morrer?

Ele se levantou, cheio de propósito.

— Vou falar com Sertes.

— Não — ela pediu.

— Sim — ele retrucou, determinado. Embora nunca houvesse lutado contra leões e soubesse que teria poucas chances de sobreviver, ele precisava tentar. — Falando com a pessoa certa, posso estar na arena como seu defensor.

— Eu já tenho um defensor, Atretes. A batalha *acabou*. E ele já ganhou. — Ela segurou a mão dele com firmeza. — Você não vê? Se voltasse para a arena agora, você morreria sem nunca conhecer o Senhor.

— Mas e você? — No dia seguinte ela enfrentaria os leões.

— A mão de Deus está aqui, Atretes. Sua vontade será feita.

— Você vai morrer.

— “Ainda que ele me mate, nele esperarei” — disse ela, sorrindo. — O que quer que aconteça, será para sua glória e seu bom propósito. Não tenho medo.

Atretes observou o rosto de Hadassah por um longo tempo e, por fim, balançou a cabeça, lutando contra as emoções turbulentas.

— Será como você está dizendo.

— Será como o Senhor desejar.

— Eu nunca a esquecerei.

— Nem eu a você — ela respondeu.

Ela lhe disse onde encontrar o apóstolo João, pousou a mão em seu braço e o fitou com olhos pacíficos.

— Agora vá embora deste lugar carregado de morte e não olhe para trás. — Então voltou para o corredor escuro e chamou o guarda.

Atretes ficou parado com a tocha na mão, vendo o guarda se aproximar e destrancar a porta da cela. Hadassah se voltou e o fitou com um olhar iluminado e reconfortante.

— Que o Senhor o abençoe e o guarde. Que faça resplandecer seu rosto sobre você e seja misericordioso. Que volte o rosto para você e lhe dê paz — disse com um sorriso gentil.

Então se afastou e entrou na cela. Um murmúrio suave de vozes a recebeu, seguido pelo baque duro da porta que se fechava.

A SEMENTE

Um semeador saiu a semear...

1

Fisicamente exausto e com o orgulho ferido, Atretes já tivera o suficiente. Sua paciência chegara ao fim.

Assim que Hadassah lhe dissera que seu filho estava vivo e que o apóstolo João sabia onde encontrá-lo, ele começara a fazer planos. Como a multidão o adorava, não podia entrar na cidade de Éfeso tranquilamente; tinha de esperar que a escuridão o protegesse. E assim fizera. Encontrar a casa do apóstolo não havia sido muito difícil — Hadassah dera boas instruções, mas, mesmo na calada da noite, aquele homem de Deus trabalhava consolando uma criança doente ou ouvindo a confissão de alguém no leito de morte.

Atretes esperara por João, mas, depois de horas, fora avisado de que o apóstolo mandara dizer que iria a um culto de adoração matinal, às margens do rio. Furioso, Atretes fora atrás dele, seguindo uma grande multidão que se reunira para ouvir João falar de Jesus Cristo, o Deus ressurrecto de todos eles. Um carpinteiro da Galileia? Um deus? Atretes fechara os ouvidos para as palavras que eram proclamadas ali e se retirara para um lugar calmo debaixo de um terebinto, decidido a esperar.

Mas agora não esperaria mais! Após um dia inteiro, aqueles adoradores ainda cantavam louvores a seu rei celestial e contavam suas histórias de libertação de doenças, desgostos, hábitos e até demônios! Atretes estava cansado de ouvi-los. Alguns, completamente vestidos, eram mergulhados nas águas do rio! Será que todos haviam enlouquecido?

Atretes se levantou, foi até a multidão e cutucou um homem.

— Quanto tempo duram essas reuniões?

— Duram enquanto o Espírito nos mover — respondeu o homem, lançando-lhe um olhar apressado antes de voltar a cantar.

O espírito? Mas o que isso significa? Atretes estava habituado à disciplina de horários e regimes de treinamento, a lidar com fatos concretos. Aquela resposta era incompreensível para ele.

— É a primeira vez que você vem?

— E a última — Atretes o interrompeu, ansioso para ir embora.

O homem o fitou e abriu um sorriso.

— *Você é Atretes!* — exclamou, arregalando os olhos.

O germano sentiu a adrenalina correr pelo corpo e enrijecer os músculos. Ele poderia fugir ou lutar. Apertou os lábios e ficou firme. A primeira escolha era contrária à sua natureza, e a longa noite de espera o deixara pronto para a última.

Tolo!, repreendeu-se. Deveria ter ficado calado, esperando sob a sombra de uma árvore, em vez de chamar a atenção para si. Mas agora já era tarde.

Arranjou pretextos para seu erro; como poderia adivinhar que as pessoas ainda se lembravam dele? Fazia oito meses que abandonara a arena, pensara que já havia sido esquecido. Aparentemente, os efésios tinham boa memória.

Outros se voltaram ao ouvir o nome dele. Uma mulher ofegou e se virou, sussurrando para as que estavam perto dela. A notícia de sua presença se espalhou como folhas secas ao vento. As pessoas olharam para trás para ver o que estava acontecendo e reconheceram — a cabeça do gladiador se sobressaindo das demais e seu maldito cabelo loiro servindo como um farol.

Praguejou baixinho.

— *É Atretes* — disse alguém.

Atretes sentiu a nuca se arrepiar. Ele sabia que o sensato seria sair dali o mais rápido possível, mas sua obstinação e a parte mais feroz de sua natureza assumiram o controle. Ele não era mais escravo de Roma; não era mais um gladiador lutando na arena. Sua vida deveria pertencer a ele novamente! Mas qual era a diferença entre os muros de uma casa luxuosa e os do *ludus*? Ambos o aprisionavam.

Chegou a hora!, pensou, furioso e frustrado. Descobriria o que precisava saber e iria embora. E o homem que tentasse o deter teria sérios motivos para se arrepender. Empurrando o homem que o encarava perplexo, começou a abrir caminho através da multidão. Sussurros entusiasmados ondulavam naquele mar de pessoas enquanto ele avançava.

— Abram caminho! *É Atretes*. Ele quer passar! — gritou alguém. As pessoas à frente pararam de cantar louvores e se voltaram. — Louvado seja o Senhor!

Atretes apertou os lábios enquanto o zumbido de excitação o cercava. Mesmo depois de dez anos de luta na arena, o germano nunca se acostumara com o furor que sua presença provocava.

Sertes, o *editor* dos jogos de Éfeso e o homem que o comprara do grande *Ludus* de Roma, sempre se deleitara com a reação da multidão a seu valioso gladiador e explorara Atretes a cada oportunidade, colhendo os lucros para si. O efésio aceitara subornos de patronos ricos e o levava a banquetes para ser mimado e acariciado. Outros gladiadores gostavam de tal tratamento majestoso, aproveita-

vam todos os prazeres oferecidos, usufruindo suas últimas horas antes de enfrentar a morte na arena. Mas Atretes comia e bebia com moderação. Sua intenção era sempre sobreviver. Sempre ficara ali, indiferente, ignorando seus anfitriões, fitando os convidados com tanta ferocidade, desprezo e desdém que ninguém se aproximava além do necessário.

— Você se comporta como uma fera enjaulada! — certa vez reclamara Sertes.

— Foi no que você e os outros me transformaram.

A lembrança daquele tempo só alimentou sua raiva enquanto ele forçava passagem através da multidão, às margens do rio. Hadassah lhe dissera para procurar o apóstolo João, e aqueles tolos atônitos e murmurantes não o impediriam de fazer exatamente isso.

O zumbido de vozes excitadas crescia. Apesar de sua altura superior à dos demais, o guerreiro sentia a multidão o pressionar. As pessoas o tocavam enquanto ele passava. Por instinto ficou tenso e os empurrou. Pensou que o agarrariam ou rasgariam suas roupas, como os *amoratae* que muitas vezes o perseguiam pelas ruas de Roma, mas essas pessoas, entusiasmadas com sua presença, somente punham as mãos nele para impeli-lo de ir adiante.

— Louvado seja o Senhor...

— Ele era gladiador...

— Eu o vi lutar uma vez antes de me tornar cristão...

As pessoas se aproximavam dele, e seu coração começou a bater forte. Um suor frio cobriu-lhe a testa. Não gostava de aproximações.

— Abram caminho — disse um homem. — Deixem-no passar!

— João! *João!* É Atretes, ele está vindo!

Será que as pessoas já sabiam por que ele estava naquela reunião do Caminho? Teria Hadassah, de alguma maneira, mandado avisar?

— Mais um! Mais um para o Senhor!

Alguém recomeçou a cantar, e o som envolveu Atretes, fazendo um arrepio subir por sua coluna. Uma passagem se abriu diante dele. Ele não esperou para se perguntar por que, mas cobriu a curta distância que restava até a margem do rio. Havia vários homens e mulheres parados dentro d'água. Um estava sendo mergulhado; o outro, encharcado, jogava água para cima, chorando e rindo ao mesmo tempo, enquanto outros se aproximavam para abraçá-lo.

Um velho vestindo uma túnica com uma faixa listrada amarrada à cintura ajudava outra pessoa a se levantar da água, dizendo:

— Você foi purificado pelo sangue do Cordeiro.

O canto se tornou mais alto e mais alegre. O homem correu em direção a seus amigos. Um o abraçou, chorando, e os outros o cercaram.

Atretes queria desesperadamente sair daquele lugar, afastar-se daqueles homens e mulheres enlouquecidos.

— Você aí! — gritou para o homem da faixa listrada. — Você é João? Aquele chamado de “o apóstolo”?

— Sim, sou eu.

O germano entrou no rio, surpreso com a erupção de entusiasmo atrás de si. Uma vez, Sertes havia dito que João, o apóstolo, era uma ameaça maior para o Império Romano que todas as rebeliões de fronteira juntas; mas, observando o homem à sua frente, Atretes não via motivo para temer. Na verdade, João parecia um homem como qualquer outro.

No entanto, Atretes havia aprendido a jamais presumir que as coisas eram o que pareciam. A sombria experiência lhe ensinara a nunca subestimar homem algum. Por vezes, um covarde era mais astuto que um homem de coragem, e até alguém aparentemente indefeso poderia infligir feridas muito profundas. Júlia, por exemplo, não havia arrancado seu coração com traições e mentiras?

Esse homem tinha apenas uma arma contra ele; uma arma que Atretes pretendia lhe tirar. Plantou os pés com firmeza e falou com tom e fisionomia duros como pedra:

— Você está com meu filho. Hadassah o entregou a você há cerca de quatro meses. Eu o quero de volta.

— Hadassah — disse João, suavizando o rosto. — Eu estava preocupado com ela. Não vemos nossa irmãzinha há muitos meses.

— Nem a verão. Ela está entre os condenados, nas masmorras da arena.

João ofegou como se houvesse levado um soco e murmurou algo baixinho.

— Ela me contou que você deu meu filho a uma viúva chamada Rispa — disse Atretes. — Onde posso encontrá-la?

— Rispa mora na cidade.

— Onde exatamente?

João se aproximou e pousou a mão no braço de Atretes.

— Venha comigo. Vamos conversar.

Atretes se livrou da mão do homem e disse rapidamente:

— Diga-me apenas onde encontrar a mulher que está com meu filho.

João o fitou uma vez mais.

— Quando Hadassah veio a mim com a criança, disse que a tinham mandado deixá-la nas rochas para morrer.

— Não fui *eu* que dei essa ordem.

— Ela me disse que o pai não queria o filho.

O calor tomou conta do rosto de Atretes, e ele apertou os lábios.

— É meu filho. Isso é tudo que você precisa saber.

João franziu o cenho.

— Hadassah está condenada porque ela me trouxe a criança?

— Não.

O ato de desobediência de Hadassah ao não deixar o bebê nas rochas teria sido suficiente para condená-la, mas não havia sido essa a razão pela qual Júlia a mandara para a morte. Atretes tinha certeza disso. Pelo que ele sabia, Júlia nem tinha conhecimento de que seu filho ainda estava vivo. Mas Júlia poderia ter condenado Hadassah por um capricho qualquer. Ele só sabia uma coisa sobre o que acontecera com Hadassah.

— Um dos servos me disse que Hadassah recebeu ordem de queimar incenso em homenagem ao imperador. Ela se recusou e proclamou Cristo como seu único deus verdadeiro.

Os olhos de João cintilaram.

— Louvado seja Deus.

— Ela foi louca.

— Louca por Cristo.

— Você está satisfeito? — indagou Atretes, incrédulo. — Ela vai morrer por causa dessas poucas palavras.

— Não, Atretes. Quem crê em Jesus não perece, mas tem a vida eterna.

Atretes já estava impaciente.

— Eu não vim discutir seus deuses ou sua crença na vida após a morte. Vim por meu filho. Se o que você quer é a prova de que sou pai dele, a palavra da me-retriz que é mãe dele o satisfaria? Arrastarei Júlia Valeriano até aqui e a farei ficar de joelhos diante de você para que confesse. Isso será suficiente? Pode afogá-la, se quiser, por ser uma prostituta. E eu posso até ajudá-lo.

João respondeu gentilmente à ira daquele bárbaro.

— Eu não duvido de que você seja o pai. Estou apenas pensando nas necessidades da criança, Atretes. Essa não é uma situação sem graves consequências. E quanto à Rispa?

— Que necessidades tem um bebê além de ser alimentado e mantido aquecido? Quanto à mulher, dê outra criança a ela. Ela não tem direito ao meu filho.

— O Senhor interveio em nome de seu filho. Senão...

— *Hadassah* interveio.

— Não foi por acaso que ela trouxe a criança a mim naquele momento.

— Hadassah disse que, se soubesse que eu queria o bebê, ela o teria levado a mim!

— Por que ela não sabia?

Atretes cerrou os dentes. Se não fosse pela multidão atenta, ele teria usado de força para obter as informações que desejava.

— Onde ele está?

— Ele está seguro. Hadassah achou que o único caminho para salvar seu filho seria entregá-lo a mim.

Atretes estreitou os olhos com frieza. Retesou a mandíbula enquanto sentia o calor lhe tomar o rosto. Tentou esconder a vergonha que sentia por trás de um muro de raiva, mas sabia que havia falhado. Apenas uma pessoa olhara para ele como se o visse por dentro, como se visse seu coração e sua mente: Hadassah. Até aquele momento, porque agora esse homem estava fazendo a mesma coisa.

Memórias inundaram a mente de Atretes. Quando a escrava o havia procurado e dito que o filho que Júlia carregava era dele, ele dissera que não se importava. Que garantia ele tinha de que aquele filho era dele mesmo? Apesar de Hadassah lhe assegurar de que ele era de fato o pai da criança, Atretes estava magoado pelo fato de Júlia o trair com outro homem e furioso demais para pensar com clareza. Chegara a dizer a Hadassah que, se Júlia Valeriano colocasse o bebê a seus pés, ele lhe daria as costas e nunca olharia para trás. Jamais esqueceria a tristeza que suas palavras provocaram na escrava... nem o arrependimento que o dominara quando ela partira. Mas ele era Atretes! E não a chamaria de volta.

Como ele poderia esperar que uma mulher fosse tão insensível como Júlia com o próprio filho? Nenhuma mulher germana pensaria em abandonar seu bebê nas rochas para deixá-lo morrer. Somente uma romana *civilizada* poderia fazer uma coisa dessas. Se não fosse pela intervenção de Hadassah, seu filho estaria morto. Mais uma vez, ele se concentrou no presente, no homem que tão pacientemente estava diante dele.

— É *meu filho*. O que eu possa ou não ter dito agora não importa mais. Hadassah me mandou aqui, e vou recuperar meu filho.

João assentiu.

— Vou mandar chamar Rispa e conversar com ela. Diga-me onde você mora que levarei seu filho até você.

— Diga-me onde ela está que eu mesmo irei buscá-lo.

João franziu o cenho.

— Atretes, isso será muito difícil. Rispa ama essa criança como se fosse dela. Não vai ser fácil para ela abrir mão do pequeno.

— Mais uma razão para eu ir. Não seria sensato permitir que você avisasse essa mulher de minhas intenções, pois assim ela teria tempo de sair da cidade.

— Nem eu nem Rispa manteremos seu filho longe de você.

— Eu tenho apenas sua palavra, e quem é você para mim além de um estranho? E louco! — disse, lançando um olhar eloquente aos adoradores. — Não tenho motivos para confiar em você — soltou uma risada de desprezo —, e menos ainda para confiar em qualquer mulher.

— Você confiou em Hadassah.

O rosto de Atretes ficou sombrio. João o observou por um momento e em seguida lhe disse como encontrar Rispa.

— Vou rezar para que seu coração seja tocado pela compaixão e pela misericórdia que Deus lhe demonstrou ao poupar a vida de seu filho. Rispa é uma mulher de fé. Já provou isso.

— E o que isso significa?

— Ela já passou por muitas tragédias em sua jovem vida.

— Isso não é problema meu.

— Não, mas eu lhe peço que não a culpe pelo que aconteceu.

— A culpa foi da mãe da criança. Eu não responsabilizo Hadassah, você, nem essa viúva — disse Atretes, relaxando, agora que tinha a informação que buscava ali. — Além disso — acrescentou com um sorriso irônico —, não tenho dúvidas de que essa viúva se sentirá muito melhor quando for generosamente recompensada pelos incômodos.

João recuou diante de suas palavras, mas Atretes ignorou o gesto e, voltando-se, notou que a multidão se aquietara.

— O que eles estão esperando?

— Eles acham que você veio para ser batizado.

Com um riso de escárnio, Atretes subiu rapidamente a colina sem olhar para trás, onde ao longe a turba se acercava das margens do rio.



Atretes voltou para casa e esperou. Seria mais seguro entrar na cidade depois de escurecer, e havia outros assuntos que, na pressa, esquecera de levar em conta.

— Lagos! — gritou, e sua voz ecoou pela escada de mármore. — *Lagos!*

Um homem passou correndo pelo corredor superior.

— Sim, meu senhor!

— Vá ao mercado de escravos e me compre uma ama de leite.

Lagos desceu as escadas apressadamente.

— Uma... ama de leite, meu senhor?

— Certifique-se de que seja germana. — Saiu a passos largos pelo pátio em direção às termas.

Lagos o seguiu, preocupado. Já havia tido vários amos, e esse era, de longe, o mais imprevisível. Era uma grande honra para ele estar entre os escravos de Atretes, o principal gladiador de todo o Império Romano, mas nunca imaginara que aquele homem estivesse à beira da loucura. Durante a primeira semana que passara naquela casa, Atretes quebrara todos os móveis, incendiara o quarto e desaparecera. Depois de um mês, Silus e Appelles, dois gladiadores que Atretes comprara de Sertes para serem guardas, já haviam saído à sua procura.

— Ele está morando em uma caverna, nas montanhas — relatara Silus.

— Você precisa trazê-lo de volta!

— E correr o risco de ser morto? Esqueça! Vá você, velho, eu não. Eu dou valor à minha vida.

— Ele vai morrer de fome.

— Ele está caçando animais com uma daquelas malditas frâneas que os germanos usam — informara Appelles. — Ficou *selvagem* de novo.

— Não deveríamos fazer alguma coisa? — indagara Saturnina.

A escrava estava claramente aborrecida por seu amo ter se transformado em um bárbaro e viver como um animal selvagem.

— O que você sugere que façamos, minha querida? Que mandemos você para a caverna para melhorar o humor dele? Você teria mais sorte comigo — respondera Silus, beliscando a bochecha da moça.

Ela batera na mão dele, fazendo-o rir.

— Eu sei que por dentro você está feliz por a senhora Júlia ter desprezado seu amo. Se ele recuperar o juízo e voltar, certamente você vai estar na porta à espera dele.

Enquanto Silus e Appelles aproveitavam, bebendo e conversando sobre velhas batalhas travadas na arena, Lagos assumira o controle da casa. Tudo fora mantido em ordem e pronto para quando o amo recuperasse o juízo e voltasse.

E ele voltara, sem avisar. Depois de ficar fora por cinco meses, simplesmente entrara em casa um dia, tirara as peles que usava, tomara um banho, fizera a barba e vestira uma túnica. Então mandara um dos criados procurar Sertes, e, quando o *editor* de jogos chegara, reuniram-se brevemente a portas fechadas. Na tarde seguinte, um mensageiro fora dizer a Atretes que a mulher que ele procurava estava na masmorra. Atretes saíra assim que escurecera.

Agora, ele estava de volta, pedindo uma ama de leite. Uma ama de leite *germana*, como se dessem nas videiras feito uvas! Não havia nenhuma criança na casa, e Lagos nem queria pensar nas razões de seu amo pedir uma serviçal assim. Sua maior preocupação era sobreviver.

Reunindo coragem, abriu a boca na tentativa de conscientizar seu mestre acerca de certos fatos ineludíveis.

— Pode não ser possível, meu senhor.

— Pague o preço que for, não me importo que seja alto. — Jogou o cinto de lado.

— Nem sempre é uma questão de preço, meu senhor. Há grande demanda por germanos, especialmente os loiros, e o suprimento é esporádico.

O criado sentiu o sangue se esvaír do rosto diante do olhar sarcástico de Atretes. Se havia alguém que sabia disso, era seu amo. Lagos ficou imaginando se Atretes sabia que uma nova estátua de Marte havia sido erguida, e sua semelhança com o gladiador que olhava para ele com tanta impaciência era notável. Ainda se vendiam estatuetas de Atretes em frente à arena. E, outro dia, no mercado, Lagos havia visto lojas de fabricantes de ídolos vendendo figuras de um Apolo que se parecia com Atretes, embora um pouco mais bem-dotado do que a natureza costuma fazer qualquer homem.

— Sinto muito, meu senhor, mas pode não haver uma ama de leite germana disponível.

— Você é grego; os gregos são engenhosos. Arranje uma! Não precisa ser loira, mas tenha certeza de que seja *saudável*. — Tirou a túnica, revelando o corpo que incontáveis *amoratae* haviam adorado. — E esteja com ela aqui amanhã de manhã. — E foi para a beira da piscina.

— Sim, meu senhor — disse Lagos, sombrio, decidindo que era melhor agir depressa em vez de perder tempo tentando argumentar com um bárbaro maluco.

Se ele falhasse, Atretes sem dúvida comeria seu fígado como o corvo que se banqueteara perpetuamente com o deus Prometeu.

Atretes mergulhou na piscina; a água fresca era um alívio para sua mente febril. Emergiu e sacudiu a água do cabelo. Voltaria à noite para a cidade, sozinho. Se levasse Silus e Appelles, eles chamariam atenção. Além disso, nem mesmo dois guardas treinados seriam páreo para uma turba. Era mais prudente ir sozinho. Vestiria roupas comuns e manteria o cabelo coberto. Assim disfarçado não teria problemas.

Quando terminou o banho, ficou perambulando pela casa. Inquieto e tenso, foi de quarto em quarto até chegar ao maior, no segundo andar. Não punha os pés nessa câmara desde que a incendiara, cinco meses atrás. Olhou ao redor e viu que os servos haviam se encarregado de retirar os móveis e tapeçarias carbonizados e os vasos coríntios estilhaçados. Certamente haviam esfregado o mármore, mas as evidências de sua raiva e da destruição que ela provocara ainda estavam ali. Ele havia comprado aquela casa para Júlia com a intenção de levá-la para lá

como sua esposa. Sabia bem que Júlia gostava de luxo e se lembrava de como se sentira orgulhoso por lhe oferecer as coisas mais caras. Eles teriam dividido aquele quarto.

Mas ela se casara com outra pessoa.

Ele ainda podia ouvi-la gritando suas mentiras e desculpas quando fora buscá-la, alguns meses depois de ganhar sua liberdade. Ela havia dito que seu marido era homossexual, que tinha um catamita e não se interessava por ela. Dissera que se casara com ele para proteger sua independência financeira, sua *liberdade*.

Bruxa mentirosa!

Desde o começo, ele deveria saber o que ela era. Acaso ela não havia ido ao Artemision com o coração cheio de astúcia, vestida como uma prostituta do templo para chamar sua atenção? Acaso não subornara Sertes para poder convocá-lo sempre que ela quisesse? Contanto que isso não interferisse no cronograma de treinamento que Sertes traçara para ele, o tempo lhe era concedido. Ah, mas, como um tolo, ele ia até Júlia a cada estalar de dedos, cobertos de joias. Impressionado por sua beleza, ansioso por sua paixão desenfreada, ele fora até ela — e ela o massacrara.

Que tolo havia sido!

Sempre que pegava Júlia Valeriano nos braços, jogava seu orgulho e seu amor-próprio ao vento. Ele havia aceitado a vergonha. Durante todos aqueles meses de encontros clandestinos, ele voltava triste e constrangido para sua cela no *ludus*, recusando-se a encarar a verdade. Ele sabia o que ela era, mesmo naquela época. No entanto, permitira que Júlia o usasse, como todos os outros o haviam usado desde que fora feito prisioneiro, arrancado de sua amada Germânia. Os braços macios e sedosos de Júlia haviam sido mais fortes que qualquer corrente que o prendera.

Da última vez que a vira, ela gritara que o amava. Amor! Ela sabia tão pouco sobre o amor — e sobre ele — que realmente pensara que seu casamento com outra pessoa não faria diferença. Pensara que ele continuaria sendo seu amante, sempre que fosse conveniente para ela.

Pelos deuses, ele sabia que, mesmo que se lavasse durante anos, nunca conseguiria tirar de seu corpo a mácula que ela deixara! Agora, olhando para aquele quarto estéril e devastado, jurou que nunca mais nenhuma mulher exerceria aquele tipo de controle sobre ele novamente!

Quando o sol se pôs, vestiu um manto de lã, enfiou uma adaga no cinto e partiu para Éfeso. Seguiu para noroeste margeando as colinas, usando um caminho que conhecia bem, antes de pegar a estrada. Pequenas casas pontilhavam o campo, as quais se tornavam mais numerosas e mais próximas conforme ele

chegava perto da cidade. Carroças repletas de mercadorias percorriam a estrada principal em direção aos portões. Ele andava despercebido sob as sombras escuras de uma delas, procurando se esconder da multidão crescente.

O condutor o notou.

— Ei, você aí! Afaste-se da carroça!

Atretes fez um gesto rude.

— Quer brigar?! — gritou o condutor, levantando-se do assento.

Atretes riu com sarcasmo e não disse nada. Perceberiam seu sotaque. Germanos não eram comuns naquela parte do Império. Ele abandonou a escuridão e seguiu por entre as tochas e sentinelas romanas. Um soldado o fitou e seus olhares se encontraram por um instante. Atretes viu o interesse despertar nos olhos do romano e baixou a cabeça para que seu rosto não fosse visto. O guarda falou com um colega, e Atretes se misturou a um grupo de viajantes, escondendo-se na primeira rua que encontrou. Ficou esperando na escuridão, mas o sentinela não mandou ninguém o seguir. Então retomou o caminho, grato pelo clarão da lua iluminar as pedras brancas entremeadas na estrada de granito.

João havia explicado que a mulher que estava com seu filho morava no segundo andar de uma *insula* decadente de um bairro pobre, a sudeste do conglomerado de bibliotecas, perto do Artemision. Atretes sabia que poderia encontrar o edifício certo, se atravessasse o coração da cidade.

Com a aproximação do templo, a multidão aumentava. Seguindo um labirinto de vielas para evitá-la, ele tropeçou em um homem que dormia recostado a uma parede. O homem gemeu, praguejou, colocou o manto sobre a cabeça e se aconchegou de lado.

Ao ouvir vozes atrás de si, Atretes apertou o passo. Ao virar uma esquina, da janela do terceiro andar de um edifício, alguém despejou o conteúdo de um urinol na rua. Ele deu um salto para trás, enojado, e gritou em direção à janela.

As vozes silenciaram, mas ele ouviu o ruído de movimento na escuridão do beco. Virou devagar e estreitou os olhos. Seis sombras foram em sua direção, movendo-se furtivamente. Atretes se voltou, pronto para atacar. Percebendo que haviam sido vistos, os perseguidores começaram a provocá-lo. Espalhando-se, eles se aproximaram, formando um semicírculo. O líder dos agressores fez um sinal aos outros cinco para que assumissem suas posições, a fim de bloquear a fuga de Atretes. Ao notar o brilho de uma lâmina, o gladiador sorriu com frieza.

— Não vai ser fácil para vocês.

— A bolsa de dinheiro — disse o líder.

Pela voz, Atretes notou que se tratava de um jovem.

— Volte para a cama, garoto, e nada vai lhe acontecer.

O jovem riu com desdém e continuou avançando na direção de Atretes.

— Espere, Palus — disse um, parecendo nervoso.

— Estou com um mau pressentimento — disse outro na escuridão. — Ele é uma cabeça mais alto...

— Cale a boca, Tomás! Somos seis contra um.

— Talvez ele não tenha dinheiro.

— Ele tem, sim. Eu ouvi as moedas tilintarem. Moedas pesadas — disse Palus, aproximando-se, e os outros o seguiram. — A bolsa! — Estalou os dedos. — Jogue-a para mim.

— Venha pegar.

Ninguém se mexeu. Palus o xingou com sua voz jovem, trêmula de fúria e soberba.

— Acho que você não faria isso — disse Atretes, provocando novamente o orgulho de seu adversário.

O jovem que segurava a faca se lançou contra ele.

Fazia meses que Atretes não lutava, mas isso não tinha importância. Todo o treinamento e seus instintos refinados voltaram em um instante. Fez um movimento brusco, esquivando-se do golpe da adaga. Pegando o pulso do garoto, puxou seu braço para baixo e o girou, desencaixando-o do ombro. Palus caiu, gritando.

Os outros não sabiam se corriam ou atacavam, até que um deles se lançou para a frente e os outros o seguiram. Um deles deu um soco no rosto de Atretes, enquanto outro pulou em suas costas. Atretes bateu com todo o seu peso contra a parede e chutou o da frente com força, em um golpe baixo. Em seguida defendeu dois socos na lateral da cabeça, levantando o cotovelo e atingindo o peito de um agressor, que caiu, ofegante.

Na briga, o manto de Atretes se soltou, e seu cabelo loiro brilhou sob o luar.

— Por Zeus, é *Atretes!*

Os que ainda conseguiam se mexer se espalharam como ratos na escuridão.

— Ajudem-me! — gritou Palus, mas seus amigos o abandonaram. Gemen-do de dor e segurando o braço quebrado contra o peito, recuou até bater na parede. — Não me mate — soluçou. — Não me mate, por favor! Nós não sabíamos que era você.

— Rapaz, o mais fraco da arena tinha mais coragem que você. — Passou pelo jovem e seguiu pelo beco. Ouviu vozes à sua frente.

— Eu juro! Era ele! Era *enorme*, e seu cabelo parecia branco com a luz da lua. Era Atretes!

— Onde?

— Lá embaixo! Deve ter matado Palus.

Praguejando baixinho, Atretes correu por uma rua estreita que o levou na direção oposta à que ele queria ir. Movimentando-se por entre os prédios, saiu em outra avenida e virou uma esquina que o colocou no caminho certo novamente. À frente, estava uma via principal não muito longe do Artemísion. Diminuiu o passo quando se aproximou; não queria chamar atenção com sua pressa. Puxou novamente o manto sobre a cabeça para cobrir o cabelo e baixou o queixo ao entrar no bazar noturno.

A rua estava repleta de barracas e vendedores. Abrindo caminho por entre a multidão, viu miniaturas de templos e estatuetas de Ártemis, bandejas de amuletos e saquinhos de incenso. Chegou à loja de um artesão de imagens e observou o balcão cheio de estatuetas de mármore. Alguém esbarrou nele e ele se aproximou mais, fingindo interesse pelas mercadorias. Precisava se misturar à multidão de compradores. Visitantes de todas as partes do Império estavam à procura de pechinchas.

Ao ver as estatuetas ornadas de tantos detalhes, Atretes se espantou.

Julgando-o interessado, o comerciante disse:

— Olhe mais de perto, meu senhor! São réplicas da nova estátua recém-erigida em homenagem a Marte. Você não vai encontrar melhor acabamento em nenhum outro lugar.

Atretes se aproximou e pegou uma estatueta. Não havia imaginado isso. Era *ele!* Olhando o ídolo ofensivo e querendo esmagar o mármore até virar pó, questionou, com um grunhido acusador:

— Marte?

— Você deve ser novo na cidade. Está fazendo uma peregrinação para nossa deusa? — O vendedor mostrou uma estatueta com seios, usando um capacete pontilhado de símbolos, um dos quais era a runa do deus Tiwaz, a quem Atretes havia adorado.

— *Ali está ele! Na barraca de imagens!*

Atretes olhou em volta e viu um grupo de jovens abrindo passagem por entre a multidão em direção a ele.

— Eu disse que era Atretes!

— Atretes! Onde?

Pessoas de todos os cantos se voltaram para olhar. Boquiaberto, o artesão de imagens o encarava.

— *É você.* Pelos deuses!

Atretes passou o braço pela mesa e a levantou. Empurrando várias pessoas para o lado, tentou correr. Um homem agarrou sua túnica. Atretes proferiu um

grito enfurecido e o atingiu no rosto. Quando o homem caiu, levou mais três junto. A excitação tomou conta da rua.

— Atretes! Atretes está aqui! — Mais mãos caíram sobre ele; vozes febris gritavam o seu nome.

Atretes não estava acostumado ao medo real, mas o reconheceu à medida que o furor foi crescendo no mercado. Mais um instante, haveria um tumulto, e ele seria o protagonista. Passou por entre meia dúzia de pessoas que tentavam pegá-lo, sabendo que tinha de sair dali imediatamente.

— *Atretes!* — gritou uma mulher, lançando-se sobre ele.

O gladiador conseguiu se livrar dela, não sem ter o pescoço arranhado pelas unhas da mulher. Alguém lhe arrancou um tufo de cabelos. O manto foi tirado com força de seus ombros. As pessoas gritavam.

Atretes se libertou e correu, derrubando todos que atravessavam seu caminho. *Amoratae* gritavam e o seguiam como um bando de cães selvagens. Entrou na estreita rua de lojas e derrubou outra mesa. Frutas e legumes se derramaram pela calçada. Ergueu outro balcão de cobre, espalhando mais obstáculos por onde a multidão passava. Houve gritos e várias pessoas caíram. Pulou uma carroça, voltou-se bruscamente e correu por uma viela entre dois edifícios. Ao perceber que era um beco sem saída, experimentou uma sensação de pânico como jamais experimentara na vida. Certa vez, vira um bando de cães selvagens perseguindo um homem na arena. Quando o pegaram, os cães o despedaçaram. Esses *amoratae*, com sua paixão desenfreada, seriam capazes de fazer o mesmo se o pegassem.

Apavorado e girando em círculos, Atretes só queria escapar. Então viu uma porta e correu até ela. Estava trancada. Forçou-a com o ombro, abriu-a e correu por uma escadaria escura. Um andar, depois dois. Parou no patamar e esperou. Recuperou o fôlego e apurou o ouvido.

Ouviu vozes abafadas vindas de fora:

— Ele deve ter entrado em um dos edifícios.

— Olhe ali!

— Não, espere! Esta porta foi arrombada.

Passos apressados subiram as escadas.

— Ele está aqui.

Atretes atravessou o corredor sem fazer barulho. Mesmo com as portas dos cortiços fechadas, o lugar cheirava a gente. Uma porta se abriu atrás dele e alguém olhou para fora quando ele se abaixou para entrar por uma passagem estreita e úmida. Chegou ao terceiro andar, depois ao quarto. Ainda aos gritos, seus fãs o perseguiam. Quando chegou ao telhado, o gladiador não teve mais onde se esconder. Ouviu vozes subindo as escadas. Vendo apenas um caminho para fu-

gir dali, pegou impulso e saltou até o outro edifício. Bateu forte no chão e saiu rolando. Levantando-se, foi cambaleando até outra porta, mergulhou nela e se escondeu nas sombras de outra escadaria, enquanto dezenas de pessoas se espalhavam no telhado de onde ele havia acabado de pular. Recuou bruscamente, ofegante. Seu coração batia forte.

As vozes foram retrocedendo uma a uma, descendo as escadas novamente, procurando-o no entorno escuro do edifício. Atretes se recostou na parede e fechou os olhos, tentando recuperar o fôlego.

Como poderia atravessar a cidade, encontrar a viúva que estava com seu filho e sair com ele dali, sem que ambos morressem?

Amaldiçoando os artesãos por usar sua imagem para fazer estatuetas para aquelas pessoas ávidas de ídolos, não pensou em mais nada além de sair da cidade são e salvo. Feito isso, encontraria outra maneira de chegar até seu filho.

Esperou uma hora antes de se aventurar pelas escadas e corredores do edifício. Qualquer barulho o fazia recuar. Uma vez ao ar livre, esgueirou-se junto aos muros, usando o véu de sombras para se proteger. Perdeu-se. Naquelas preciosas horas de escuridão, encontrou seu caminho como um rato em um labirinto de becos e ruas estreitas.

Chegou aos portões da cidade no momento em que o sol nascia.